

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

LÍVIA PATRÍCIO DE SOUZA

**AS MUDANÇAS NA PAISAGEM DE ARRAIAL DO CABO (RJ) ENTRE 1940 E OS DIAS ATUAIS:**  
**ASPECTOS SOCIOCULTURAIS**

**THE CHANGES IN THE LANDSCAPE OF ARRAIAL DO CABO (RJ) BETWEEN 1940 AND THE**  
**CURRENT DAYS:**  
**SOCIOCULTURAL ASPECTS**

São Paulo  
2017

LÍVIA PATRÍCIO DE SOUZA

**AS MUDANÇAS NA PAISAGEM DE ARRAIAL DO CABO (RJ) ENTRE 1940 E OS DIAS ATUAIS:  
ASPECTOS SOCIOCULTURAIS**

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Wagner Costa Ribeiro

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Sm Souza, Livia  
As mudanças na paisagem de Arraial do Cabo (RJ)  
entre 1940 e os dias atuais: aspectos socioculturais  
/ Livia Souza ; orientador Wagner Ribeiro. - São  
Paulo, 2017.  
50 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo. Departamento de  
Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Arraial do Cabo (RJ). 2. Comunidade Litorânea.  
3. Tradição. 4. Mudança Social. 5. Mudança Cultural. I.  
Ribeiro, Wagner, orient. II. Título.

Dedico este trabalho à minha família, que tanto me apoiou ao longo de todo o período da minha graduação.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Wagner Costa Ribeiro, orientador que esteve prontamente a disposição sempre que fez-se necessário.

Ao Pablo Nepomuceno, técnico do LASERE, amigo muito querido que me ajudou sempre que precisei.

Ao sociólogo Paulo Barreto, por compartilhar comigo sua experiência e seu trabalho, e a todos os moradores de Arraial do Cabo que me acolheram e, generosamente, compartilharam comigo algumas experiências de suas vidas naquele município.

Aos meus irmãos Ítalo e León, por terem me apoiado em momentos aflitivos, no que se refere as partes computacionais mais difíceis que envolveram o trabalho.

*Parece que era o princípio do mundo ainda! Mas era  
gostoso! Era bom pra chuchu!*

(S. Dok, 2012)

## RESUMO

SOUZA, Livia Patrício de. **As mudanças na paisagem de Arraial do Cabo (RJ) entre 1940 e os dias atuais: aspectos socioculturais.** 2017. 50 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Departamento de Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

O presente trabalho busca descrever as mudanças na paisagem de Arraial do Cabo (RJ) que ocorreram desde o ano de 1940 até os dias atuais, com base nos registros históricos, imagens e narrativas de moradores antigos que acompanharam parte do processo de industrialização e “turistificação” do município. Nesta direção, empregou-se uma combinação dos métodos “narrativo” e “integrativo” de revisão de literatura, por meio da qual selecionou-se para consideração: uma tese de doutoramento que retrçou a história da Companhia Nacional de Álcalis; um livro de registros de história oral de pescadores tradicionais de Arraial do Cabo; e registros fotográficos do município obtidos a partir de várias fontes. Os dados colhidos nestes materiais, que retratam as transformações havidas no lugar ao longo do período considerado, foram analisados à luz de um quadro teórico interdisciplinar, que pensa a paisagem de uma perspectiva “trajetiva”, quadro este composto por estudiosos de várias áreas de conhecimento no campo da geografia, filosofia e outras ciências humanas e sociais. Com base nos resultados obtidos a partir destes procedimentos, tecem-se algumas considerações no sentido de oferecer uma possível integração dos elementos teóricos e empíricos reunidos no presente trabalho, tendo em vista apontar os malefícios e benefícios advindos das mudanças observadas na paisagem de Arraial do Cabo, assim como contribuir com a reflexão sobre possíveis alternativas ao atual modelo de gestão pública de localidades semelhantes.

Palavras-chave: Arraial do Cabo (RJ). Comunidade Litorânea. Tradição. Mudança Social. Mudança Cultural.

## ABSTRACT

SOUZA, Livia Patrício de. **The changes in the landscape of Arraial do Cabo (RJ) between 1940 and the current days: sociocultural aspects.** 2017. 50 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Departamento de Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

The current work seeks describe the changes in the landscape of Arraial do Cabo (RJ) that occurred since 1940 and the current days, based in historical registers, pictures and ancient residents' narrative that followed part of the industrialization process and "turistification" of the county. In this direction, applied a combination of the "narrative" and "integrative" methods of literature review, through which have been selected for consideration: a doctorate degree thesis that redrew the Nacional Company Álcalis' history; a record book of oral history of traditional fishermen from Arraial do Cabo; and photographic records of the county obtained from various fonts. The collected data from this material, that report the changes that happened in the place over the considered period, were analyzed in the light of an interdisciplinary theoretical framework, that thinks the landscape from a "trajective" perspective, framework this composite by scholars from various geography knowledges fields, philosophy and others human and social sciences. Grounded in the obtained results of this procedures, weave themselves some considerations in sense to offer a possible integration of theoretical and empiric elements gathered in this work, in view of pointing out the harms and benefits coming from the observed changes in the landscape of Arraial do Cabo, as well as contribute with a possible alternative reflection about the current model of public administration in similar locations.

Keywords: Arraial do Cabo (RJ). Coastal Community. Tradition. Social Change. Cultural Change.



## LISTA DE FIGURAS

|           |   |    |
|-----------|---|----|
| Figura 1  | Caicos atracados na Praia Grande, em Arraial do Cabo (RJ)           | 11 |
| Figura 2  | Aqueduto abandonado da Companhia Nacional de Álcalis                | 12 |
| Figura 3  | Casto colunar <i>Pilosocereus ulei</i>                              | 14 |
| Figura 4  | Companhia Nacional de Álcalis, 1965                                 | 16 |
| Figura 5  | Praia dos Anjos, 1965   | 40 |
| Figura 6  | Praia dos Anjos, 2015   | 40 |
| Figura 7  | Porto do Forno, 1965  | 41 |
| Figura 8  | Porto do Forno, 2015  | 41 |
| Figura 9  | Prainha, 1945   | 42 |
| Figura 10 | Prainha, 1965   | 42 |
| Figura 11 | Prainha, 2014   | 42 |
| Figura 12 | Vista da Cidade com a Igreja N. Sra. dos Remédios, 1965             | 43 |
| Figura 13 | Vista da Cidade com a Igreja N. Sra. dos Remédios, 2015             | 43 |
| Figura 14 | Vista do local onde futuramente seria instalada a CNA, 1945         | 44 |
| Figura 15 | Vista da Companhia Nacional de Álcalis, 2015                        | 44 |
| Figura 16 | Vista da Cidade, 2015, a partir da Rua Tomé de Souza                | 45 |
| Figura 17 | Vista de Arraial do Cabo, retirada de vídeo de divulgação turística | 46 |
| Figura 18 | Vista aérea de Arraial do Cabo, retirada de vídeo de sobrevoo       | 46 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO .....</b>  | <b>11</b> |
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>13</b> |
| 1.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS .....                                 | 13        |
| 1.1.1. Aspectos Geográficos .....  | 13        |
| 1.1.2. Intervenções Econômicas .....   | 16        |
| 1.1.3. Mudanças Socioculturais .....   | 17        |
| 1.1.4. Reserva Extrativista .....  | 18        |
| 1.2. O PLANO DO ESTUDO .....   | 19        |
| 1.2.1. Justificativa .....   | 19        |
| 1.2.2. Objetivos .....   | 20        |
| 1.2.3. Procedimentos .....   | 20        |
| <b>2. QUADRO TEÓRICO .....</b>   | <b>21</b> |
| 2.1. PAISAGEM .....  | 21        |
| 2.2. HISTÓRIA .....  | 24        |
| <b>3. A VIDA DOS PESCADORES ANTES E DEPOIS DA ALCALIS E DO TURISMO .....</b> | <b>32</b> |
| 3.1. EDIFICAÇÕES .....   | 33        |
| 3.2. ACESSO À ÁGUA .....   | 34        |
| 3.3. COTIDIANO .....   | 34        |
| 3.4. TRANSMISSÃO DE SABERES ENTRE AS GERAÇÕES .....                          | 36        |
| <b>4. AS MUDANÇAS NA PAISAGEM .....</b>                                      | <b>39</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>45</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>48</b> |

## APRESENTAÇÃO

A ideia deste trabalho de pesquisa surgiu do contato que tive com o município de Arraial do Cabo (RJ) por ocasião de uma visita, em férias, no mês de julho de 2015. Na ocasião, estava acompanhada da minha família e, por sorte e privilégio, do sociólogo Paulo Sérgio Barreto – o qual será citado e referenciado adiante, no corpo do trabalho. Este sociólogo mora no município há aproximadamente cinco anos e, desde que lá chegou, envolveu-se profundamente com as comunidades tradicionais locais e com a defesa de seus saberes e modo de viver. Assim, além de conhecer algumas das paisagens estonteantes de Arraial do Cabo, pude conhecer também um pouco de sua história.

Na Praia Grande, por exemplo, avista-se um dos ancoradouros dos pescadores tradicionais (*Figura 1*, abaixo) e também um grande adensamento de infraestrutura turística, com hotéis, pousadas, restaurantes, comércios e prédios residenciais de veraneio; nota-se que as atividades dos pescadores ficam dificultadas, quase impraticáveis, frente a tomada da praia pelos turistas.



**FIGURA 1:** Caicos atracados na Praia Grande, em Arraial do Cabo (RJ).

**Fonte:** <http://www.dicasdotimoneiro.com.br/wp-content/uploads/2009/09/Praia-Grande.jpg>.

Em muitos lugares do município encontramos destroços da falida *Companhia Nacional de Álcalis* (Figura 2, abaixo), de aspecto grotesco e anômalo ao seu entorno; os equipamentos que eram utilizados pela companhia estão abandonados em diversos lugares, já que, após a falência da fábrica, ninguém foi efetivamente responsabilizado por, ao menos, retirar seus escombros.



**FIGURA 2:** Aqueduto abandonado da Companhia Nacional de Álcalis.

**Fonte:** [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/99/Companhia\\_Nacional\\_de\\_%C3%81calis\\_10.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/99/Companhia_Nacional_de_%C3%81calis_10.jpg).

No decorrer da viagem, observando a geografia local e relacionando-a com as explicações do Paulo Barreto, fiquei intrigada sobre como teria se dado este processo de industrialização em uma vila tão remota de pescadores. Ainda naquela ocasião assisti ao filme *Arraial do Cabo* (SARRACENI & CARNEIRO, 1959), que já na época de sua produção apontava as alterações que este empreendimento estava trazendo para a comunidade e as paisagens de Arraial do Cabo.

A partir daí, decidi assumir as perguntas provocadas por esta experiência como tema de pesquisa do meu Trabalho de Graduação Individual em Geografia na FFLCH/USP, e passei a buscar informações sobre os aspectos geográficos, históricos e socioculturais daquele município.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS

#### 1.1.1. Aspectos Geográficos

Arraial do Cabo, situado no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, é um município<sup>1</sup> costeiro de baixa altitude, fundado em 1503 e elevado a município em 1985, após a emancipação de Cabo Frio. Possui área total de 160,276 km<sup>2</sup> população de 27.715 habitantes (segundo dados do IBGE 2010).

O município de Arraial do Cabo integra a *Microrregião dos Lagos* (Mapa 1, p. 15), caracterizada por grandes lagos de água salgada ou salobra que foram isoladas do oceano por longos pontais distanciados do litoral. A *Microrregião dos Lagos* abrange sete municípios do Estado do Rio de Janeiro – Araruama, Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, São Pedro da Aldeia, Saquarema e Iguaba Grande – e possui área total de 2.004,003 km<sup>2</sup> com população total de 538.650 habitantes.

Arraial do Cabo também integra a unidade geográfico-ambiental chamada de *Região de Cabo Frio* (delimitada climática e fisionomicamente, abrange os municípios de Arraial do Cabo, Búzios, Cabo Frio, Iguaba, São Pedro da Aldeia e Araruama) que é considerada um enclave fitogeográfico no litoral do Rio de Janeiro por suas peculiaridades geoecológicas (COE & CARVALHO, 2013; FONSECA-KRUEL E PEIXOTO, 2004). Devido ao clima semiárido da Região de Cabo Frio – para o qual contribuem, sobretudo, a presença de uma ressurgência costeira e ao regime de ventos da região (que pode ser perturbado por eventos El Niño) – a vegetação de restinga difere da exuberância característica das florestas de encosta do Estado do Rio de Janeiro.

Em Arraial do Cabo, assim como em toda a encosta desde a Ilha de Cabo Frio até Búzios, observa-se, nas florestas xeromórficas de pequeno porte, uma composição florística única: *Bromeliaceae* e *Cactaceae* – o cacto colunar *Pilosocereus ulei*, endêmico da região,

<sup>1</sup> No presente trabalho o termo “município” assume a definição dada pelo IBGE: *São as unidades de menor hierarquia dentro da organização político-administrativa do Brasil, criadas através de leis ordinárias das Assembleias Legislativas de cada Unidade da Federação e sancionadas pelo Governador. No caso dos territórios, a criação dos municípios se dá através de lei da Presidência da República.* Igualmente, “cidade” é considerada: *Localidade com o mesmo nome do Município a que pertence (sede municipal) e onde está sediada a respectiva prefeitura, excluídos os municípios das capitais;* entretanto, o sentido amplo em que esta noção é utilizada em citações diretas de trabalhos de outros autores será mantido.



confere uma aparência característica de ambientes áridos nas épocas mais secas do ano, assemelhando-se ao ambiente da caatinga (COE & CARVALHO, 2013) (*Figura 3*, abaixo).

A ressurgência é um fenômeno oceanográfico que trata da subida de águas subsuperficiais para as camadas superficiais do oceano. Essas águas são, muitas vezes, ricas em nutrientes, o que torna o ambiente propício ao desenvolvimento de fitoplâncton (base da cadeia alimentar), atraindo grandes cardumes e favorecendo as atividades de pesca. Devido ao clima e vegetação da *Região de Cabo Frio*, de restinga mais semelhante a caatinga do que ao seu entorno, as comunidades que ali viviam desenvolveram certos saberes tradicionais para a exploração dos recursos ofertados pela natureza, utilizados na medicina, culinária e artefatos de pesca. A presença de sambaquis em pontos do município sugere a ocupação da área por comunidades indígenas pescadora-coletoras desde milênios atrás.

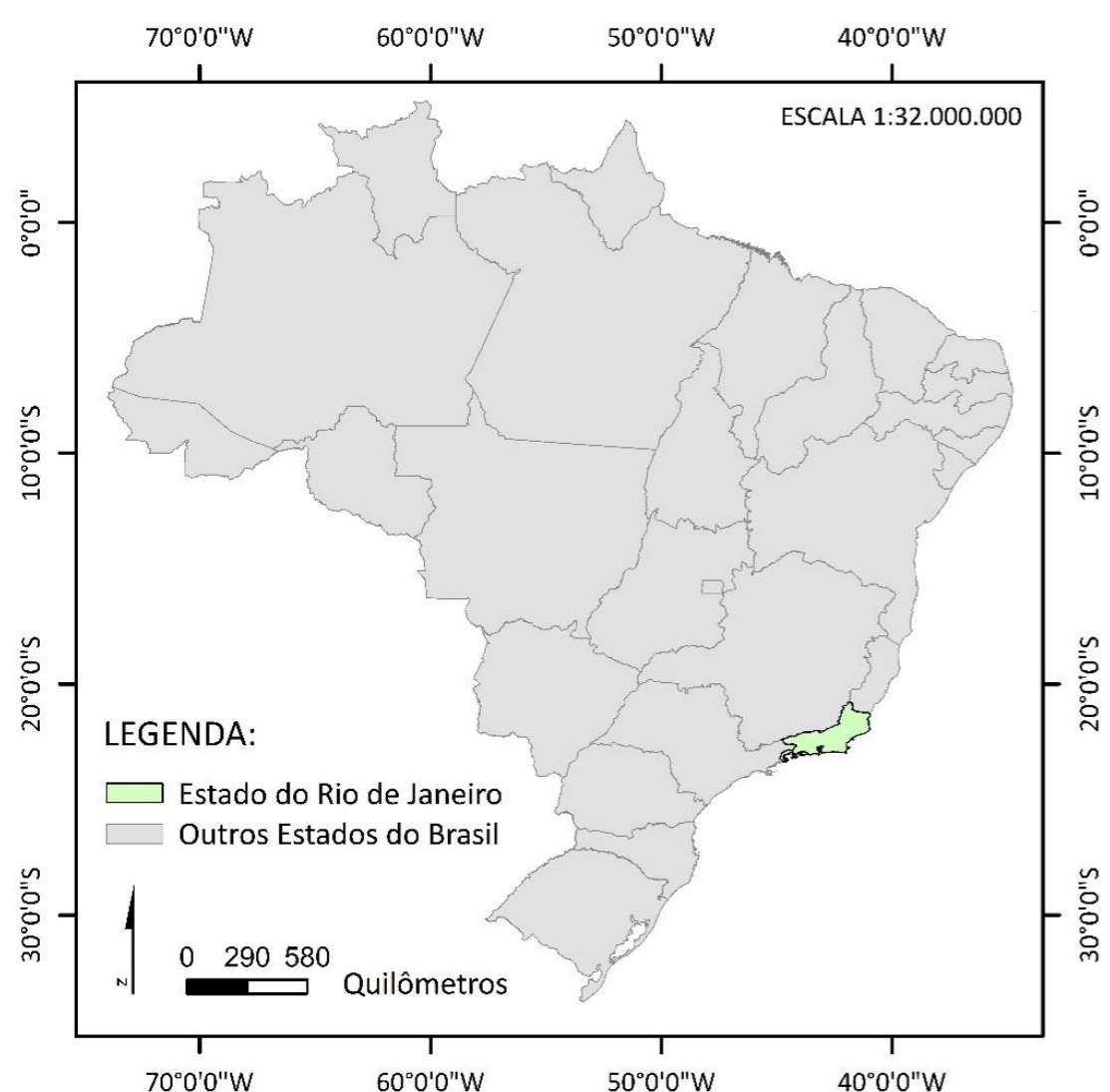
Em 1503 chegaram a área os primeiros portugueses, muitos vindos de Póvoa do Varzim – cidade litorânea portuguesa que possuía como base de sua economia a pesca – que se estabeleceram na região devido a vocação favorável ao desenvolvimento das atividades econômicas que já desenvolviam em sua terra natal. As técnicas de pesca que eram utilizadas pelos portugueses foram adaptadas ao contexto do bioma de Arraial do Cabo no decorrer do contato, assimilando inclusive os saberes indígenas – como a construção de canoas de um tronco só, por exemplo (MESQUITA, 2009).



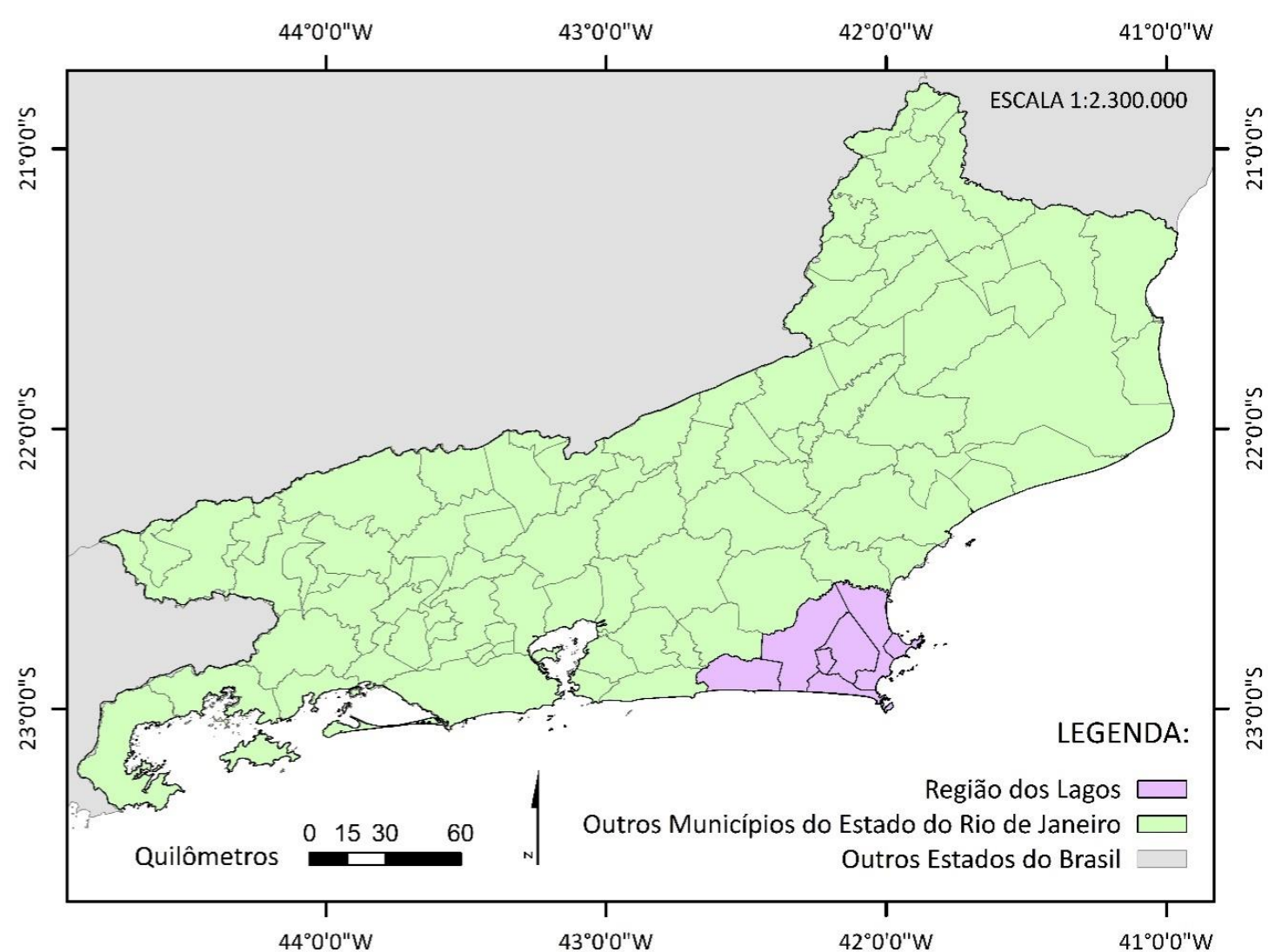
**FIGURA 3:** Casto colunar *Pilosocereus ulei*, abundante na região. **Fonte:** Arquivo pessoal.



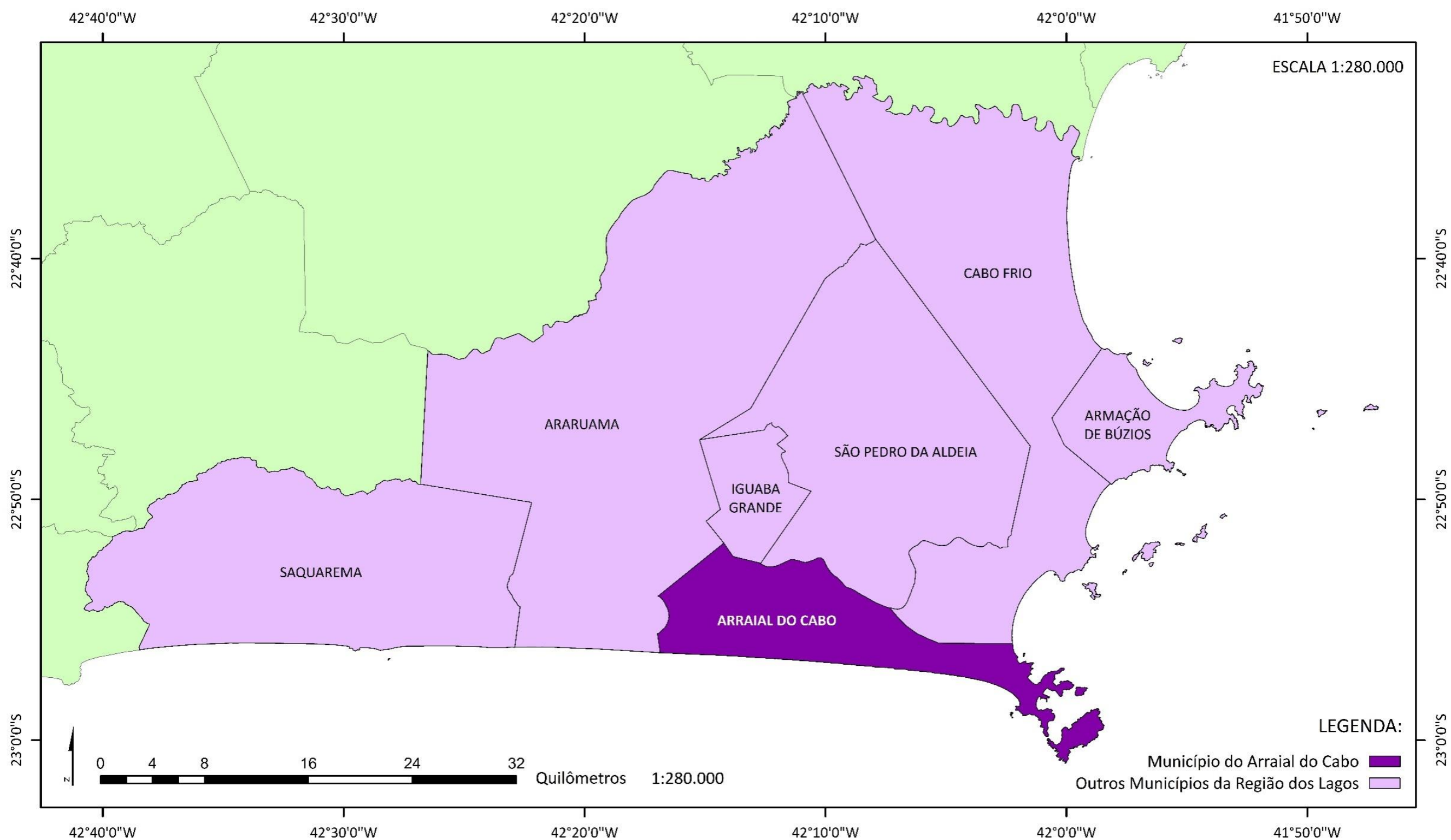
## LOCALIZAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO NO BRASIL:



## LOCALIZAÇÃO DA REGIÃO DOS LAGOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:



## LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ARRAIAL DO CABO NA REGIÃO DOS LAGOS



Coordinate System: GCS SIRGAS 2000  
 Datum: SIRGAS 2000  
 Units: Degree

MAPA 1: Localização do Estado do Rio de Janeiro no Brasil; Localização da Região dos Lagos no Estado do Rio de Janeiro; Localização do Município de Arraial do Cabo na Região dos Lagos.  
 Fonte dos dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Elaboração: Lívia Patrício de Souza, 2017.



### 1.1.2. Intervenções Econômicas

Arraial do Cabo continuou tendo como base de sua economia a pesca tradicional até a chegada da Companhia Nacional de Álcalis (CNA), empresa estatal fundada em 20 de julho de 1943 (*Figura 4*, abaixo). A CNA foi criada durante o Estado Novo com o objetivo de impulsionar a industrialização do Brasil, produzindo barrilha (carbonato de sódio –  $\text{Na}_2\text{CO}_3$ ), utilizada principalmente na produção de vidro, em sínteses químicas e em sabões e detergentes, e sal (cloreto de sódio –  $\text{NaCl}$ ), que é também utilizado na manufatura de papel e na produção de sabões e detergentes, como matéria prima para a produção da barrilha.

Segundo Pereira (2010), em 1957 a CNA já contava com aproximadamente 2.500 trabalhadores, a maior parte empregada nas suas obras civis; “Antes da Álcalis, não havia escolas, nem médicos, nem telefones em Arraial do Cabo. O lugar transformara-se de uma acanhada colônia de pescadores em um espaço da ideologia desenvolvimentista, ao configurar-se como um possível ‘empório de produtos alcalinos’” (PEREIRA, 2010).



**FIGURA 4:** Companhia Nacional de Álcalis, 1965.

**Fonte:** <http://arraialdocabo.no.comunidades.net>.



O empreendimento determinou a vinda de grandes levas de trabalhadores e alterou profundamente a organização social e o modo de vida dos moradores mais antigos. Muitos deles passaram a trabalhar como assalariados na CNA, enfraquecendo assim as atividades e os saberes tradicionais locais. Por outro lado, a região foi drasticamente marcada pelas grandes construções necessárias às atividades industriais, interferindo e sobrepondo-se muitas vezes às construções, aos usos e aos significados com os quais as comunidades mais antigas a haviam dotado. Finalmente, em 2006, a CNA foi desativada, mas suas marcas subsistem, tanto no território quanto na memória e na vida dos remanescentes das comunidades tradicionais de Arraial do Cabo.

A partir da década de 1970, a ideologia desenvolvimentista fomentada na região desde a implantação da CNA encontrou nova expressão no turismo de massa, cuja demanda crescia em todo o Brasil. A apreensão mercantil do território para a exploração do turismo, propiciada pelas belas paisagens que o caracterizam, não tem sido menos agressiva e destruidora do que a exercida anteriormente pela CNA, tanto em termos geográfico-ambientais quanto em termos socioculturais.

Desde 1974, com a inauguração da Ponte Presidente Costa e Silva (popularmente conhecida como Ponte Rio-Niterói), este processo intensificou-se, dando início à crescente especulação imobiliária, que persiste até hoje, em torno da construção de casas de veraneio, hotéis, resorts e atividades econômicas sazonais que visam abastecer o turismo do município.

A estes fatores somaram-se as atividades pesqueiras industriais (afinal coibidas pela criação da Unidade de Conservação (UC) Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo (RESEXMar Arraial do Cabo), por meio do decreto s/nº de 3 de janeiro de 1997), e, mais recentemente, os empreendimentos relativos à exploração de petróleo no pré-sal, cujos desdobramentos futuros ainda não se podem prever com clareza (BARRETO, FARIAS & LASMAR, 2015).

### *1.1.3. Mudanças Socioculturais*

Tais intervenções sobre o território de Arraial do Cabo, o correlativo crescimento demográfico e a presença de milhares de turistas, interferem profundamente com suas características geográfico-ambientais (poluindo rios, afugentando peixes, destruindo a restinga etc.) e socioculturais (desvalorizando e até impedindo as atividades tradicionais,

engendrando situações de exclusão e vulnerabilidade social). As transformações já ocorridas, mesmo quando são justificadas pela incorporação da ideologia desenvolvimentista, tendem a entristecer os moradores mais antigos, sobretudo aqueles que detêm as tradições do lugar. Nas palavras de Barreto, Farias e Lasmar (2015):

“Os pescadores extrativistas artesanais, guardiões e mestres sabedores da cultura popular, compartilham o mesmo território de existência ancestral e guardam consigo as memórias coletivas, sabedorias, imaginários e a capacidade de transmitir conhecimentos, ofícios e saberes-fazer com *‘envolvimento sustentável’*. Para esses *‘guardiões da tradição’*, a falta de visibilidade e de reconhecimento social constrange, ao perceberem que à sua volta se constrói um mundo *‘desencantado’*. Este habitar na modernidade contemporânea redundava na obsolescência, invisibilidade, ruptura, descarte e desencarte cotidianos dos seus conhecimentos, habilidades, maestrias, ofícios e artes.” (p. 219)

Mas não são apenas os moradores mais antigos que veem com receio as transformações; também aqueles que chegaram mais recentemente, quando se afeiçoam ao lugar e fazem dele seu lugar de vida, mostram-se preocupados com a velocidade das transformações e com as perdas que daí podem advir. Frente a esses receios, a despeito das dificuldades, muitas ações de defesa das peculiaridades geográfico-ambientais e socioculturais que tradicionalmente caracterizaram o território têm sido desenvolvidas por seus moradores, apoiados por diversas entidades.

#### ***1.1.4. Reserva Extrativista***

Por parte da RESEXMar de Arraial do Cabo, além do Plano de Utilização que está sendo revisado em conjunto com o Conselho Deliberativo, está sendo realizado o cadastramento dos beneficiários da UC, para identificar os pescadores artesanais que têm direito a pesca sustentável concedido pelo ICMBio, distribuídos em três perfis: pescador que tem na atividade pesqueira sua principal fonte de renda; pescador que possui outra fonte de renda e complementa sua renda rotineiramente com a pesca; e pescador tradicional de Arraial do Cabo que pesca culturalmente, no entanto, não tira da atividade seu sustento. A partir disto, como forma de validar essas informações, foi elaborado e distribuído material gráfico nas comunidades do município.

O ICMBio, após discussão junto ao Conselho Deliberativo da RESEXMar, publicou Portaria Emergencial para regulamentar a prestação de serviços de turismo náutico no interior da UC, estabelecendo os procedimentos para o cadastro e autorização das prestadoras de serviço e coibindo a entrada de novas embarcações que lotavam a costa do município nas altas temporadas do turismo e geravam conflitos com os moradores.

Várias iniciativas têm sido feitas, também, na direção de fortalecer as comunidades tradicionais e de criar “alianças” entre seus saberes e os conhecimentos científicos. Um exemplo é o projeto de extensão “Ecomuseu do ‘Pescador da Restinga’ – ações para o conhecimento e a documentação da mitopoética do pescador tradicional para a constituição do acervo imaterial da RESEXMar de Arraial do Cabo”, cujo objetivo é:<sup>2</sup>

“colaborar nas tarefas voltadas ao conhecimento e documentação dos elementos mitopoético que animam aquela comunidade ancestral, para a constituição de acervo imaterial do Ecomuseu, [...] preconizando uma aliança entre os ‘Saberes Tradicionais’ e os saberes das ‘Ciências Humanas’ e das ‘Ciências Naturais’ por meio da intensa colaboração com as organizações comunitárias locais, em ações voltadas à salvaguarda, preservação reconhecimento valorização e visibilidade dos saberes, valores e costumes relacionados à pesca tradicional e à vida na restinga”.

(BARRETOS, FARIAS E LASMAR, p. 221)

Infelizmente, como os autores citados apontam, muitas vezes estas ações são impedidas ou ao menos dificultadas por resistências, conflitos de interesse, falta de compromisso social dos poderes públicos etc. (idem).

## 1.2. O PLANO DO ESTUDO

### *1.2.1. Justificativa*

O exposto acima permite dizer que, se queremos compreender as mudanças socioambientais ocorridas em Arraial do Cabo, com vistas a contribuir na direção da construção de uma sociedade mais justa e responsável, é relevante estudarmos as mudanças ocorridas em sua paisagem.

<sup>2</sup> O projeto resultou de uma parceria entre o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e a RESEXMar de Arraial do Cabo, sob a coordenação da Professora Doutora Sandra Maria Patrício Ribeiro.

### *1.2.2. Objetivo*

O objetivo deste trabalho é, portanto, descrever as mudanças na paisagem de Arraial do Cabo (RJ) que ocorreram desde o ano de 1940 até os dias atuais, com base nas imagens, estudos e registros históricos, bem como nas narrativas de moradores antigos que acompanharam parte do processo de industrialização e “turistificação” do município, com vistas a contribuir para o delineamento de possíveis caminhos para alcançar o equilíbrio socioambiental.

### *1.2.3. Procedimentos*

Em busca de alcançar o objetivo acima, procedeu-se a uma busca bibliográfica, combinando os tipos “narrativo” e “integrativo” de revisão de literatura. Por meio da revisão bibliográfica narrativa procurou-se selecionar os estudos e interpretar as informações de forma não a esgotar a literatura a respeito do tema, mas sim permitir uma interpretação circunstanciada para fundamentar o trabalho. A revisão integrativa teve por objetivo a combinação de dados da literatura empírica e teórica de diversas áreas do conhecimento, integrando o pensamento de geógrafos, filósofos, historiadores e cientistas sociais.

O trabalho construiu-se a partir da consulta a três gêneros de documentos históricos – História (clássica); história oral; registro fotográfico. Nesta perspectiva, selecionou-se para consideração: uma tese de doutoramento que retrçou a história da Companhia Nacional de Alcalis; um livro de registros de história oral de pescadores tradicionais de Arraial do Cabo; e registros fotográficos do município obtidos a partir de várias fontes. Os dados colhidos nestes materiais foram analisados à luz de um quadro teórico interdisciplinar, que pensa a paisagem de uma perspectiva “trajetiva”, quadro este composto por estudiosos de várias áreas de conhecimento no campo da geografia, filosofia e outras ciências humanas e sociais.

Com base nos resultados obtidos a partir destes procedimentos, tecem-se algumas considerações no sentido de oferecer uma possível integração dos elementos teóricos e empíricos reunidos no presente trabalho, tendo em vista apontar os malefícios e benefícios advindos das mudanças observadas na paisagem de Arraial do Cabo, assim como contribuir com a reflexão sobre possíveis alternativas ao atual modelo de gestão pública de localidades semelhantes.

## 2. QUADRO TEÓRICO

### 2.1. PAISAGEM

Para fundamentar a discussão acerca das mudanças tratadas neste trabalho, nos interessa rever aqui alguns conceitos trabalhados por pensadores que se debruçaram sobre a questão da paisagem.

A história de Arraial do Cabo e a sua realidade atual deixam registros claros e profundos em sua fisionomia, termo este utilizado por Eric Dardel (apud RIBEIRO e BARTALINI, 2015) como analogia à paisagem: a paisagem seria a fisionomia de um lugar no sentido em que compreenderia os traços permanentes e não permanentes característicos deste lugar, tal como se vê nas transformações do rosto de uma pessoa que vive, amadurece, envelhece.

Para Berque (2012), a paisagem seria marca e matriz, sendo “marca” no sentido de que os elementos que a compõem – feições geográficas, tipo e estado da flora e fauna, construções etc. – são resultado dos processos geológicos, biológicos e culturais característicos da história deste local, e matriz no sentido de que estes elementos constituintes desta paisagem são, eles próprios, geradores de novas realidades, geradores da história que virá. Citando o autor:

"Na relação ecumenal, um lugar é um tema ecotecnó-simbólico. Isto é o que eu chamo aqui de geograma" (BERQUE, 2012, p. 5)

"Há geogramas mais interessantes para a Geografia do que [outros] [...]. É o caso daqueles que têm uma relação direta com a escala de sensibilidade do nosso corpo. Aqueles que se veem na paisagem a olho nu: florestas, bistrôs, radiotelescópios, etc. Em resumo: os fatos geográficos [...]. A questão que se discute aqui são as razões que permitem considerar estes fatos como geogramas. Do que são, portanto, os ‘motivos ecotecnó-simbólicos’? Da existência humana, aquela que se desenvolve na ecúmeno a partir deste lar que é o corpo de cada um de nós, até o horizonte que são os confins do universo, mas, prioritariamente, na superfície da Terra." (BERQUE, 2012, p. 8)

"A espécie humana se tornou o que é devido a um processo imensamente longo durante o qual o fisiológico, o técnico e o simbólico não cessaram de interagir. Pelo que nos diz respeito, esta interação se traduziu por uma 'exteriorização' progressiva das funções do corpo humano [...]. Este vantajoso processo nunca parou de se ampliar, constituindo, assim, pouco a pouco, nosso 'corpo social', que é exterior ao nosso 'corpo animal', que só faz estender as funções naturais que fazem parte, com todas as coisas que as compõem, de nossa corporeidade global." (BERQUE, 2012, p. 9)

"Com efeito, os geogramas [...] não são somente objetos lá de fora [...]. Eles dizem respeito a nossa existência, não somente porque remetem um ao outro no seio da ecúmeno, mas porque se remetem, também, originalmente e especificamente, a nossa corporeidade. Eles só são o que são porque, há dois ou três milhões de anos, mas também a cada instante do presente, a espécie hoje humana se apossa de seu meio a partir do triplo plano ecológico, técnico e simbólico. Isto quer dizer, por outro lado, que nós só somos o que somos no seio desta relação ecumenal [...]. O ser humano está com a metade fora de seu corpo: na ecúmeno. Aí está sua essencial e específica mediância (do latim *medietas*: metade), à qual indissociavelmente responde a mediância de seu meio. [...] É o poder que tem nosso meio de dispor nosso ser num determinado sentido. Não se trata mais, aqui, de determinismo ambiental, pois a ecúmeno não se reduz à biosfera [...]. A mediância trata da trajetividade das coisas mais do que de causalidade dos objetos, e é focada no humano mais que no nicho ecológico do primata. Ela é o que faz dos geogramas os motivos do nosso ser fora de si." (BERQUE, 2012, p. 9)

Ribeiro e Bartalini, ao trazerem suas reflexões sobre os conceitos tratados por Berque acima, concluem:

"Desta maneira, Berque aplica a palavra *trajetividade* para caracterizar a qualidade de coisas cuja realidade depende, ao mesmo tempo, de existência física (ou 'objetiva') e mental (ou 'subjetiva'), e é neste sentido que ele define paisagem como '*dimensão sensível e simbólica do meio; expressão de uma mediância*'." (RIBEIRO & BARTALINI, 2015, p. 13)

Esta ideia está presente também no conceito de socioambiente, o qual, no Dicionário Socioambiental (TASSARA, 2008), é definido como: “Socioambiente: Conceito presente nas ações e movimentos ambientalistas que considera que as dimensões sociais, físicas e naturais dos ambientes são indissociáveis, devendo ser abordadas de forma integrada.” (TASSARA, 2008, p. 180). Esta definição, de certo modo, vem corroborar o pensamento de Aziz Ab’Saber sobre a paisagem: “A paisagem é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades.” (AB’SABER, 2003, p. 9).

Em resumo, podemos lançar mão das definições oferecidas pelo filósofo italiano Rosário Assunto, que distingue território, ambiente e paisagem:

“Por território entende-se, de facto, uma extensão mais ou menos vasta da superfície terrestre, que pode ser delimitada segundo divisões geofísicas (montes, rios), segundo diferenças linguísticas, segundo delimitações político-administrativas que podem coincidir com os limites geofísicos e linguísticos ou ignorá-los; Neste caso, trata-se de divisões histórico-tradicionais, ou ainda de divisões convencionais – estas últimas, quase sempre arbitrárias.” (ASSUNTO, 2011, p. 126)

“Do conceito de ‘ambiente’, deveremos dizer que tem dois significados: um biológico, que se refere às condições de vida física favorecidas ou contrariadas pelas configurações de certas localidades (longitude, latitude, altitude, exposição solar, precipitações, temperaturas sazonais, conformação geológica do solo e do subsolo, hidrografia) e um histórico cultural, consoante em certas localidades predomine a cidade ou o campo, a agricultura ou a indústria, o comércio ou a pastorícia, e ainda consoantes os costumes, as tradições, a moral corrente e a unidade ou multiplicidade das confissões e dos cultos sejam mais ou menos intensamente seguidos e praticados; e os testemunhos artísticos locais, influenciando de modo diferente o ambiente conforme os períodos históricos nos quais tiveram maior ou menor prosperidade; as ocupações estrangeiras sofridas e os domínios exercidos no passado sobre países estrangeiros; a eventual presença de minorias étnico-linguísticas, a emigração ou a imigração... e não é preciso muito para perceber que o conceito de ‘ambiente’, na sua

unidade-diversa de ambiente biológico e de ambiente histórico-cultural, inclui em si o de ‘território’ (não pode haver ambiente sem território), mas com excesso de elementos que não são necessários para a definição de território enquanto tal. [...] no que diz respeito ao ambiente, o território é a matéria-prima, enquanto ambiente é o território tal como a natureza e o homem o organizaram em função da vida.” (ASSUNTO, 2011, p. 127 e 128)

“Creio que neste ponto surgirá com bastante facilidade uma definição de ‘paisagem’ como ‘forma’ que o ambiente (‘função’ ou ‘conteúdo’, podemos chamá-lo assim, empregando por analogia os termos da crítica literária e artística) confere ao território como ‘matéria’ de que ele se serve. Ou melhor, se quisermos ser mais precisos, ‘paisagem’ é a ‘forma’ na qual se exprime a unidade sintética *a priori* (no sentido kantiano: não é a ‘unificação’ de dados recebidos separadamente, mas a ‘unidade’ necessária que condiciona o seu apresentar-se na consciência) da ‘matéria (território)’ e do ‘conteúdo-ou-função (ambiente)’”. (ASSUNTO, 2011, p. 128)

Neste sentido, estudar e descrever as mudanças na paisagem de Arraial do Cabo, relacionando-as com os fatos históricos que incidiram naquele lugar, com o modo como estes fatos foram vividos e sentidos pelos moradores, como são por eles lembrados e avaliados retrospectivamente, como mudaram suas vidas e suas expectativas quanto ao futuro e, por fim, como os mobilizam, hoje, para a ação social – tudo isto pode contribuir para uma melhor compreensão sobre as “novas marcas” que esta paisagem, hoje matriz, poderá gerar no futuro.

## 2.2. HISTÓRIA

A tese de doutorado “Cabo das tormentas, vagas na modernidade: uma história da Companhia Nacional de Álcalis e de seus trabalhadores” de Walter Luiz C. de Mattos Pereira (2009) enfocou detidamente a trajetória da Companhia Nacional de Álcalis, sob a perspectiva histórica do Brasil Republicano e da região dos lagos (RJ), e das relações de trabalho instituídas pela instalação da empresa. Trata-se de um trabalho rico em indicações que ajudam a retratar as transformações que ocorreram naquela localidade, a maior parte delas ligadas, direta ou indiretamente, à CNA; assim, o trabalho de Pereira será tomado como “guia” para a descrição histórica das mudanças enfocadas no presente trabalho. O



próprio autor apresenta uma síntese de sua pesquisa em um artigo intitulado “*Vagas da Modernidade: a Companhia Nacional de Álcalis em Arraial do Cabo (1943-1964)*”, publicado em 2010, que utilizei aqui para apresentar a história de Arraial do Cabo a partir de 1940.

Apesar do foco do autor ser a história da empresa, o mencionado artigo apresenta uma análise histórica expandida, “experimentando um contexto mais amplo, em que os estudos relativos aos empreendimentos empresariais possam estar sujeitos a elementos da teoria da complexidade. Afinal, seria impossível empreender essa análise rejeitando as forças políticas e sociais inseridas no processo” (PEREIRA, 2010, p. 322). Portanto, o artigo em questão traz levantamentos históricos pertinentes ao trabalho tanto do ponto de vista da análise social quanto política:

Os problemas advindos da montagem de uma unidade industrial da envergadura da CNA permitem-nos entender com maior acuidade a dinâmica das relações sociais, das questões econômicas e das disputas políticas. Insisto, portanto, que não se trata de uma visão simplista sobre a história de uma empresa, tomado por um viés puramente econômico. Assim, creio que se torna mais compreensível enxergar como o esforço para a consagração do moderno mostra, muitas vezes, as vicissitudes do atraso.” (PEREIRA, 2010, p. 322)

A Companhia Nacional de Álcalis foi projetada em 1943, durante o Estado Novo, e definitivamente instalada em 1960, sendo sua implementação afetada por interesses diversos, dentro e fora do país. Como dito anteriormente, o principal produto que a Álcalis fabricou foi a barrilha, componente químico utilizado em maior escala pelas indústrias vidreira, química e farmacêutica. O processo de instalação da empresa envolveu disputas intensas entre grupos políticos regionais, e empresas reguladoras dos trustes e cartéis internacionais:

“A associação dos capitais industriais do setor químico internacional com os capitais financeiros internacionais travou o projeto inicial da Álcalis. [...] O International Bank e outras instituições financeiras norte-americanas, em comum acordo com a indústria norte-americana de álcalis sódicos, representavam interesses contrários à implantação de uma indústria estatal brasileira de base para a produção de barrilha. Ainda assim, o Banco do Brasil liberou, sob forma de empréstimo, Cr\$26 milhões para o Instituto

Nacional do Sal (INS), autarquia do Ministério da Indústria e Comércio ao qual a CNA estava vinculada, para a formação do capital inicial destinado à instalação da empresa.” (PEREIRA, 2010, p. 323)

A escolha do local de instalação da fábrica também foi conflituosa, e envolveu grupos de salicultores do Nordeste e grandes corporações internacionais associadas a grupos nacionais que tentavam limitar a ação da Álcalis. Afinal, a decisão sobre o lugar de instalação da fábrica estatal para produzir álcalis sódicos foi eminentemente política. Na decisão pesaram os argumentos de que o Rio de Janeiro era estado integrante e estava próximo dos grandes centros consumidores do país, de que a região era produtora de sal (matéria-prima básica para a fabricação de barrilha), de que no local estaria disponível água do mar em temperaturas baixas e água potável em abundância (devido as dimensões do lençol freático e a proximidade da lagoa de Juturnaíba) e da existência de calcário no fundo da lagoa de Araruama que seria retirado e utilizado tanto na fabricação de barrilha quanto na de cal.

Para complementar o processo, seria necessário encontrar fontes de energia. A princípio, cogitou-se na plantação de eucaliptos ao redor da lagoa de Araruama, que seriam utilizados como carvão vegetal; posteriormente, porém, essa alternativa foi abandonada e, em seu lugar, recorreu-se ao uso de óleo diesel para impulsionar os motores da Álcalis.” (PEREIRA, 2010, p. 325)

Pereira indica que, certamente, a história da CNA foi uma das mais atribuladas de todas as empresas estatais brasileiras criadas no período, e que a produção da barrilha, iniciada efetivamente apenas em 1960, só foi possível com o retorno de Vargas ao poder em 1951, o que impulsionou as obras.

Nesse contexto, tudo indicava que a Álcalis tinha um papel não apenas econômico, mas também geopolítico. Definida como uma empresa estratégica, tanto pela produção de insumos básicos quanto pelo selo de empresa ligada à ideologia de segurança nacional, pode-se constatar em *todas* as suas diretorias a participação de militares, particularmente na presidência. Em outras palavras, a CNA representava a manutenção de um discurso ideológico nacionalista que, por seu turno, sustentava a via do desenvolvimento pela industrialização: o nacional-desenvolvimentismo. Além de dar continuidade à obra, requeitada pelo seu Plano de Metas, o

presidente Juscelino Kubitschek fez de Arraial do Cabo um dos símbolos da modernidade nacional. De um simples povoado de pescadores, a cidade se transformara num dos pilares da industrialização do país. A modernidade alcançava não apenas o distrito de Arraial do Cabo, mas também a sede do município, a cidade de Cabo Frio, e isso se dava em duas frentes: a fábrica e seus trabalhadores. Com efeito, a mudança do cenário da pacata vila de pescadores, não foi só econômica, mas, notadamente, política e social.” (PEREIRA, 2010, p. 326)

Além dos conflitos envolvendo forças econômicas e políticas nacionais e internacionais, soma-se a história da empresa a intensa participação da classe trabalhadora, que exigia uma participação mais decisiva do governo. Ultrapassando os limites da fábrica e da cidade de Cabo Frio, o movimento dos trabalhadores ganhava o apoio de outras instituições da sociedade civil e até mesmo de organizações internacionais. As greves recorrentes reuniam trabalhadores da Álcalis e de outros setores industriais e extrativos de Cabo Frio, e refletiam na atuação de organizações partidárias presentes no cotidiano político da cidade.

Mantida pelos militares durante a ditadura, para Castelo Branco a empresa teria sido vítima de uma trajetória dispendiosa, difícil e temerária, pois permanecera virtualmente paralisada desde sua inauguração em 1960, e deveria ser recuperada pelo Estado, pois sua falência traria graves consequências. A privatização, na década de 1990, talvez tenha se baseado no relatório da instituição que conduziu o processo, o BNDES. A situação atual da CNA, em vias de transformar-se em sucata, posta sob a lupa da história, demonstra tratar-se de uma empresa estatal fadada ao insucesso. Na realidade, o papel cumprido pela Álcalis, no período em estudo, serviu para avalizar o postulado moderno impresso no país sob a égide dos governos Vargas e JK.” (PEREIRA, 2010, p. 328)

As primeiras torres da Álcalis surgiram em 1953. Embora os militares ocupassem cargos em todas as esferas da empresa, a diretoria não se limitava a eles, e tanto a diretoria quanto o quadro técnico da Álcalis eram compostos por oficiais e afilhados de políticos de todas as partes do país, sendo seu quadro de acionistas também representativo de interesses difusos. A empresa, além de contribuir para o desenvolvimento industrial do país,

deveria impulsionar obras de infraestrutura complementares como porto, comunicações e transportes, melhoria das condições de saneamento e fornecimento de energia elétrica.

A CNA, em 1957, contava com aproximadamente 2.500 trabalhadores, a maior parte deles trabalhando em sua construção. Juscelino Kubitschek inaugurou a primeira etapa da empresa, que compunha o Grupo da Cal, em 4 de janeiro de 1958, e nesta altura o empreendimento já era tocado por 3.000 trabalhadores. Até o fim do mesmo ano deveriam ser inauguradas a central termoelétrica, o segundo forno, as salinas da empresa (que ocupariam oito milhões de metros quadrados de área de produção) e a Vila Industrial para os trabalhadores.

A primeira barrilha na CNA foi produzida em 8 de abril de 1960. Embora estivesse presente na inauguração da primeira etapa, o presidente JK foi representado desta vez por Ernani do Amaral Peixoto, então titular da pasta de Viação, que afirmou ser o empreendimento o prenúncio de um grande centro industrial que estaria por surgir em Cabo Frio, tal como acontecera em Volta Redonda, porém com um diferencial: o desenvolvimento do turismo (pelo menos nesse prognóstico Amaral Peixoto acertou) (PEREIRA, 2010, p. 332)

Ao tratar das dimensões da história, Pereira afirma que elas se prendem não só ao tempo, mas ao espaço, e que esta dimensão local é particularmente importante no caso de Arraial do Cabo, pois ele era formado por uma comunidade ligada a atividades extrativistas com estruturas rudimentares e uma diferente paisagem social, com a qual contrastava a modernização industrial e sua racionalização do trabalho. A partir dos anos 50, com a chegada da fábrica de álcalis, chegaram com ela nordestinos que iriam trabalhar na sua construção e que, naturais de diversas localidades, agora misturavam-se aos cabistas.

No final dos anos 50, segundo os estudos de um grupo de antropólogos da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro) que, liderados por Marina São Paulo Vasconcelos, estudaram o impacto social da industrialização de Arraial do Cabo, dos três mil trabalhadores empregados na fábrica metade era domiciliada no Arraial do Cabo (Vasconcelos, 1962; apud: PEREIRA, 2010). Desta metade, foi selecionado um grupo representativo composto de dois subgrupos, e a partir deles foram obtidos importantes

registros e indicadores da vida social que foram confrontados com as entrevistas realizadas. Um dos grupos era de trabalhadores ligados à CNA e o outro às atividades tradicionais:

O objetivo principal do trabalho era não somente avaliar a situação daqueles que suportavam a transição de uma economia tradicional para uma economia industrial sob o trabalho assalariado, mas, também, identificar aqueles que ainda mantinham vínculos com a ocupação tradicional. Segundo Marina Vasconcelos, os novos padrões de comportamento dos habitantes de Arraial do Cabo pareciam advindos não diretamente da imposição da industrialização e da urbanização, mas trazidos pelos nordestinos que ocuparam um espaço urbano definido. (PEREIRA, 2010, p. 336)

Outro estudo similar realizado por Dantom Moreira de Araújo buscou identificar os trabalhadores da Companhia Thayo, ligada à implantação de uma indústria moderna na mesma região voltada para a pesca da baleia (Araujo, 1965; apud PEREIRA, 2010). O estudo indica que vários bairros foram preenchendo os espaços vazios de Arraial do Cabo, principalmente onde estavam instalados os depósitos de líquidos industriais da Álcalis. Segundo Pereira:

Eram fileiras de barracões antigos, abrigos provisórios para trabalhadores, com características comuns aos bairros proletários urbanos, com centenas de antenas de televisores – antecipando o mar de parabólicas dos tempos atuais. Os topônimos iam se transformando em função da própria realidade local. [...] Observações feitas por Danton Araújo dão conta de que o comércio era composto de lojas de móveis e aparelhos eletrodomésticos, embora fossem todas muito simples. No final da praia dos Anjos, o porto surgia ao lado de modernas casas de veraneio, encobrendo pequenas e velhas casas de antigos moradores. Para o autor, ao se observar a Álcalis e a nova sociedade que se formava em Arraial do Cabo, percebia-se de imediato que a vida urbana e moderna se sobrepunha a uma sociedade rústica. (PEREIRA, 2010, p. 336)

Grupos religiosos instalados na cidade tentavam conquistar fiéis, e líderes sindicais e grupos político-partidários também disputavam a adesão dos trabalhadores, com interesses de âmbito nacional e local. Programas radiofônicos transmitidos do Rio de Janeiro eram cada

vez mais ouvidos em Arraial do Cabo, enquanto os aparelhos de rádio e televisão tornavam-se objeto de desejados por todos.

Para Dantom, era possível identificar três tipos de economias paralelas: a industrial, representada pela Alcalis; a comercial, decorrente da primeira; e a pesqueira tradicional. A tradicional estava compelida a um esforço de sobrevivência, ao organizar frentes para combater os “açambarcadores do pescado” em um ritmo comercial capitalista, que praticava uma política de preços aviltantes e impedia a entrada de novos pescadores aos grupos já constituídos. [...] As mudanças de comportamento social decorrentes do estágio avançado das obras apareceram com maiores evidências a partir de 1956. A partir dessa data, Úrsula Albershein detectou um crescente desinteresse dos habitantes locais pela atividade pesqueira e uma vontade manifesta em adaptar-se aos novos padrões culturais da modernização. Assim, o interesse por jogos, brincadeiras e histórias tradicionais era substituído por novas formas de divertimento, como o cinema e clubes. Acordar cedo, rotina de uma vida sujeita a horários rígidos, não permitiria mais o serão, para não perder a hora do trabalho na construção da CNA. O contato com o mundo moderno – com as notícias, as novidades, com os livros, revistas, jornais, o rádio e a televisão – mudava a vida dos cabistas. [...]

A pesca vinha sendo abandonada, pois era considerada mais perigosa e cansativa, e passou a ser substituída por uma ocupação de ganho certo. Esses deslocamentos eram atribuídos também à ação dos veranistas e seus métodos modernos de pescar com barcos a motor. Outros, acreditando que seria a mudança dos tempos, chegavam mesmo a atribuir a responsabilidade ao próprio cabista, ‘que não procurava o peixe, preferindo ficar a esperá-lo’. Era o fracasso de uma atividade que passara a ser considerada perigosa, que destruía rapidamente a resistência física e a saúde. Os velhos pescadores não abandonavam as suas atividades, mas eram unânimes em torcer que seus filhos não tivessem o mesmo destino, especialmente depois da fábrica. (PEREIRA, 2010, p. 337 e 338)

O ensino em Arraial do Cabo também vinha se modificando, na medida em que era necessário outro tipo de instrução para ocupar algumas posições na cidade industrial. Antes,

o ensino prescindia do letramento e priorizava simples operações matemáticas, necessárias à divisão do produto da pesca, divisão esta que era regida por um sistema tradicional complexo. Transformaram-se os hábitos e costumes a partir de novas experiências, experimentadas tanto no âmbito individual, quanto no coletivo.

Tratando ainda destas transformações, Pereira cita o registro feito pelo cineasta Paulo Cesar Saraceni no curta-metragem “Arraial do Cabo”, filmado em 1959, e que trata das mudanças já ocorridas na década de 1950 (SARRACENI & CARNEIRO, 1959). O documentário mostra o impacto da industrialização na colônia de pescadores e apresenta a contradição entre os modos de vida daquela população e a montagem de uma fábrica industrial de base nacional:

“Na fábrica, “Arraial do Cabo” mostra trabalhadores envolvidos num ritmo alucinante, num incessante vai e vem entre o Arraial e o canteiro de obras, símbolos de uma metamorfose contínua (Silva:2007). Em lados opostos, a tradição aparece na pesca, na salga dos peixes, na vida bucólica do interior, nos bares, onde os homens conversam, bebem e dançam. A vida ganha no mar simbolizava as bases econômicas e sociais dessa comunidade. Em contraposição a essa vida simples, está a fábrica, no sobe e desce dos seus bate-estacas, na profusão de homens e máquinas, nos elevadores frenéticos que consagram a transformação brutal que se opera, em face da industrialização. Os caminhões fabricados pela Fábrica Nacional de Motores transitavam disputando espaço com os cabistas nas apertadas ruelas de Arraial. A buzina e seu motor rivalizavam com o som dos rádios. Essas imagens ganhariam, também, a sua marca oficial. O governo preparara sua versão para engrandecer o feito: ‘Álcalis: indústria de base’ foi um documentário exibido em cinemas do Rio de Janeiro.” (PEREIRA, 2010, p. 339)

Trata-se do mesmo filme que assisti na minha primeira visita a Arraial do Cabo e que me motivou a escrever sobre este tema e estudar sobre as mudanças havidas. De fato, ver o município como está hoje depois de assistir ao documentário que mostra o início do processo de sua industrialização foi muito impactante e, ao pesquisar mais profundamente sobre as mudanças ocorridas durante esse período, notamos que o processo continua a apagar os traços da história remota de Arraial do Cabo.

### 3. A VIDA DOS PESCADORES ANTES E DEPOIS DA ÁLCALIS E DO TURISMO

O Livro *Nas Redes de Saberes e Histórias*, publicado em 2013, foi escrito com a intenção de registrar parte dos saberes de pescadores artesanais do município de Arraial do Cabo. A autora Maria Aparecida Gomes Ferreira, professora do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) desde 2010, conta que a vontade de ouvir e registrar algumas histórias e saberes destes sujeitos surgiu depois de algumas leituras sobre os pescadores de Arraial do Cabo e de conversas com alguns moradores locais que demonstraram uma forte preocupação com a *perda de saberes locais*.

O outro autor, o fotógrafo Ronaldo Miranda Fialho, é de uma família tradicional de Arraial do Cabo, nasceu e cresceu no município e foi criado no meio dos pescadores:

“[Uma das coisas que] sempre me estimulou nesse interesse pela história e cultura de Arraial foi o interesse do meu pai em pesquisa sobre a comunidade, sobre as famílias e eu fui vendo que isso realmente tinha um grande valor. Que eu estava ouvindo, o que eu estava fotografando, o que eu estava aprendendo, mesmo sem planejamento algum, isso tudo com o tempo foi se transformando em um grande arquivo – uma parte da história da cidade.” (FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 19)

Sendo o propósito do livro recuperar saberes e histórias dos pescadores tradicionais, e tendo sido as entrevistas conduzidas de forma semiestruturada, a maior parte delas tratam sobre o tema do estudo que lhe deu origem. Porém, notamos nas narrativas muitas referências às mudanças sentidas pelos pescadores ao longo, principalmente, das últimas seis décadas. Ao tratar sobre algumas dessas mudanças, Fialho relembra do cotidiano da comunidade de pescadores com a qual convivia quando criança:

“Antigamente, o povo daqui só vivia mesmo da pesca. Tanto os pescadores quanto suas famílias. Nas famílias, tinha o pescador que pescava, e eles mesmos ou os parentes deles preparavam o peixe na praia, que era lavado no mar e depois era salgado. [...] Na praia grande, devia ter umas 60 canoas, de forma que os pescadores faziam acordos de pesca o mês inteiro. [...] E naquela época o pescador tinha muita prática, porque aqui não tinha nada, não tinha luz elétrica nem água encanada. Então, o pescador observava o tempo.” (FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 24 e 25)



Durante a pesquisa, os autores gravaram 13 entrevistas, nos meses de dezembro de 2011, janeiro, fevereiro e maio de 2012, totalizando aproximadamente 27 horas de áudio. Resultado da pesquisa realizada entre agosto de 2011 e julho de 2012, intitulada de “Histórias de vidas de pescadores: memórias, identidade social e patrimônio cultural”, o livro traz transcrições de partes destas entrevistas, das quais interessa, para os fins deste trabalho, retirar os trechos que ajudam a entender as mudanças no modo de vida dos moradores de Arraial do Cabo, observando alguns aspectos como construção, acesso à água, cotidiano, e transmissão de saberes entre as gerações.

### 3.1. EDIFICAÇÕES

O S. Dok, ao tempo da entrevista com 82 anos, nos remete às técnicas antigas utilizadas pelos pescadores para construir as suas casas de pau a pique:

“Quando a gente ia fazer a casa, primeiro, a gente ia pro morro, cortar varas para levantar por dentro e por fora, amarrar o cipó e colocava a massa. A massa não era feita de cimento. Sabe do que era feita a massa? Era de barro. A gente ia no barreiro, pegava uma fartura de barro, e depois levava para embarrear. E a gente não usava enxada, não! A gente usava a mão. E aí, a gente fazia um mutirão, juntava quatro ou cinco pessoas para fazer a massa. Quando estava tudo bem amassado a gente ia embarrear. Ficavam três pessoas por fora e três por dentro. Aí, apanhava aquele bolo de barro com a mão e “pá”, tacava nas varas e, então, alisava com a mão. Eu sei que formava uma casa aqui e depois botava a palha de sapê. Choviiiiiii e não molhava nada! E só depois de muito tempo é que caía, mas a gente botava no lugar. A casa era sequinha e o chão era de barro. Não era igual hoje em dia, não. Hoje em dia, a gente faz a casa com laje e chove dentro da casa, a casa fica caindo, desabando. Mas, naquele tempo, a gente fazia a casa de estuque e ela ficava ali, firme, e o mourão eram as colunas de madeira. [...] A casa ficava firme, era tudo de madeira e ninguém se molhava. Porque tinha tempo e vento! Mas não derrubava e não caía uma goteira.” (Entrevista com o S. Dok; In: FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 37)

Por outro lado, em outro trecho, referindo-se as construções de mirantes, prédios e condomínios hoje existentes na Prainha, o mesmo S. Dok diz: “Naquela época, a Prainha era

deserta. Só tinha paiol. Não era essa beleza que está aí hoje em dia, não.” (Entrevista com o S. Dok; In: FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 40)

### 3.2. ACESSO À ÁGUA

O S. Dok também nos informa sobre a rotina de obtenção de água para o uso cotidiano:

“A gente bebia água da cacimba e trazia água para beber em casa. A gente ia nos poços, apanhava água cá e nunca tivemos nada de doença. Hoje em dia, é a água de rua e está todo mundo doente.” (Entrevista com o S. Joaquim Torrada; In FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 38)

“E não tinha luz elétrica não! Era tudo a lamparina e lampião. E o povo ia apanhar água lá em baixo e a gente ia tudo no escuro. Olha como era a prática, porque na Prainha não tinha cacimba, não! A gente ia apanhar água lá em Catuta. E a gente ia lá apanhar água pra gente se manter, pra cozinhar e pra lavar.” (Entrevista com o S. Dok; In FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 41)

“Antigamente, no Arraial, a coisa era tão boa que não tinha luz nem água. A luz veio depois com a Álcalis. A gente carregava água na cabeça, sabe de onde? Lá do Tupi. Então, nossa mãe dizia assim ‘S. Dok, [...] ó, vai lá em poço de Catuba encher esses dois latões de 20 litros pra encher de água aqui’ e [eu e meu irmão] apanhava o carregador. Era uma lata pra gente trazer no ombro, eu e meu irmão. E a gente ia e trazia pra nossa mãe cozinhar.” (Entrevista com o S. Dok; In: FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 42)

“Naquela época não tinha água encanada, não! E também não tinha luz! Era tudo na lamparina. A nossa mãe fazia a comida com a luz da lamparinazinha na mesa.” (Entrevista com o S. Dok; In: FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 43)

### 3.3. COTIDIANO

A respeito do cotidiano dos pescadores tradicionais de Arraial do Cabo, encontramos, em algumas falas, trechos a respeito do trabalho com a pesca, das atividades e tarefas domésticas e da alimentação:

“[Quando meu pai estava desembarcado, ele] vendia lenha, pra gente ter o que comer também. Às vezes, a gente passava necessidade, e ele ia muitas vezes tirar lenha lá no morro, pra rachar, pra depois vender na padaria e ter dinheiro pro nosso sustento. [...] E tinha também um canoinha aqui pequena para pescar. E meu tio ia pegar a gente cedinho pra ir pescar aí fora, apanhar peixinho pequeno, tipo mirasol (ou olho de cão), e a gente saía pra pescar, pra trazer pra gente comer, também trazia uma banhazinha pra fazer o nosso almoço. Mas, naquele tempo, a gente nem trazia nada em quilo, como é hoje em dia, que a gente compra uma cesta básica. Naquele tempo, era 200g de arroz, 100g de banha, ½ quilo de açúcar.” (Entrevista com o S. Dok; In: FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 39)

“As mulheres ajudavam em muita coisa. O peixe só era salgado pelas mulheres. Elas faziam renda, faziam uma porção de coisinhas em casa, buscavam água na caçamba, iam na restinga ou iam no morro e vinham com aquele cesto de lenha nas costas, lavavam roupa na mão ou no punho, ensaboava, rebatia, enxaguava e botava no sol pra secar. Naquele tempo, a mulher passava a roupa a ferro, com o moxambomba de ferro. Só tinha um lugar de madeira onde a mulher segurava o ferro pesado.” (Entrevista com o S. Joaquim Torrada; In: FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 40)

“Naquele tempo, a mulher também trabalhava, salgava peixe na praia e carregava água. [...] E então, a gente matava peixe e as nossas mães iam salgar. As salgadeiras lavavam, escalavam, salgavam de novo e depois vinham as tropas de burro daqui mesmo e levavam no cesto de jacá no lombo do burro até lá em baixo. Eles andavam por três, quatro dias vendendo por lá, e depois vinham pra trazer o dinheiro pra pagar o pescador. [...] A gente tirava madeira do morro, pra acender o fogo, porque a gente não tinha carvão. Quando chegou o carvão aqui foi uma novidade! E veio também o abanador. Depois do abanador, veio o querosene. Mas ter um fogão a querosene era luxo! [...] E naquele tempo não tinha mobília, não! Era só a cristaleira e o resto era na esteira. Era aquela esteira que você botava no chão pra todo mundo comer. E não tinha arroz todo dia, não! Quando tinha, e uma pessoa vinha, dizia assim: ‘ih, hoje vai ter festa, vai?’ Mas o resto era feijão puro, com farinha e pirão de peixe. [...] E naquele tempo era difícil você comer com garfo, a gente comia era na mão. Então, a

gente comia feijão, fubá, carne seca... E a gente fazia uns bolinhos com a mão que a gente chamava 'bolo de feijão' mas também tinha gente que chamava de 'capitão'." (Entrevista com o S. Dok; In: FERREIRA & FIALHO, 2012, p. 41 e 42)

"Eu vou voltar um pouquinho no tempo pra falar desse pescueiro chamado burro. Pra chegar lá, a gente saia daqui meio dia e só chegava lá 5h da tarde. Era só bote do nosso tipo, de boca aberta, que ia pra lá. Mas era tudo bote do nosso tipo, de boca aberta, que ia pra lá. Mas era tudo bote daqui de Arraial, Cabo Frio, Rio das Ostras, Macaé... Parecia Copacabana no fim do ano. E cada bote matava 800 quilos ou uma tonelada de peixe. Mas depois que veio esse traneirão, tudo a motor, tudo mudou. Olha só o que é a invenção do homem... Hoje em dia tem um aparelho chamado sonar. O sonar do barco fica fundeado em cima do pescueiro. Aí ele é ligado. Se tiver um cardume de peixe lá na Prainha, o sonar daqui está marcando. Daqui, ele sabe onde está o peixe, que caminho o peixe vai fazer e o barco vai em cima do cardume. Mas hoje o peixe está mais espantado por causa desse sonar. Aí, a pescaria vai se auseando." (Entrevista com o S. Dok; FERREIRA & FIALHO, p. 54)

### 3.4. TRANSMISSÃO DE SABERES ENTRE AS GERAÇÕES

Os trechos abaixo são parte dos relatos dos pescadores S. Quiná Però, S. Joaquim Torrada e S. Dok a respeito das mudanças na transmissão de saberes entre as gerações, sentidas por eles com uma ruptura na passagem de conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens:

"Essas coisas de previsão do tempo, a gente aprendia com o pessoal mais antigo. Eu aprendi com eles também, porque eu sempre gostei de assuntar onde estava um mais velho. Por isso eu apanhei um pouco de conhecimento com eles." (Entrevista com o S. Dok; In: FERREIRA E FIALHO, 2013, p. 49)

"Quinzinho ia comigo [pra vigia] e ficava lá me perguntando 'mas, pai, como é que é isso?' e hoje ele diz 'tudo que eu sei, eu aprendi com meu pai e agradeço ao meu pai porque foi assim que ele me ensinou'" (Entrevista com o S. Joaquim Torrada; FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 55)

“A gente ia com os vigias pro alto do morro e aprendia com eles, porque quando a gente era mais jovem, a gente ia com o vigia pro morro e ficava escutando ele.” (Entrevista com o S. Joaquim Torrada; FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 58)

“Eu aprendi a ser vigia assim: quando eu era rapazinho e tinha meus 15 anos, eu não tinha nada pra fazer. Eu saia daqui e ia lá pro morro ficar com os vigias. Então, eu ficava com aquela ansiedade de ver o peixe primeiro e mostrar pra eles. Aí, eu fui tendo aquela prática de ver o peixe lá e dizia ‘olha tal manta de peixe assim-assim’. Então, eles ficavam comigo. Quando cercava o cardume lá em baixo, eles diziam assim ‘vou dar dois peixes pra você’, aí eu descia e apanhava os dois peixes. Aí, fui apanhando aquela prática e aquela ansiedade de ser vigia.” (Entrevista com o S. Joaquim Torrada; FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 59)

“Eu pesco desde os 14 anos. Eu aprendi a pescar observando o meu pai. Meu pai era vigia. Era pescador daqui mesmo. Então, de manhã, quando eu era rapazinho, minha mãe me chamava pra eu levar o café pro meu pai, no morro do vigia. Aí, eu vinha com aquele bulezinho de alumínio. Chegava aqui, às vezes ele estava aqui, às vezes estava no vigia do outro lado de lá. Aí, eu entregava o café pra ele e ele falava pra mim assim ‘Joaquim, você está vendo aonde vem uma manta de peixe lá em baixo?’ e eu perguntava ‘aonde, pai?’ ‘Olha lá! Vem lá naquele fundo!’. E naquele tempo havia mesmo, uma atrás da outra. E ele falava até que eu via ‘ah, pai, estou vendo! É aquilo lá?’. E vinha, porque não tinha o que espantasse...” (Entrevista com S. Quincá Perú; In: FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 61)

“Nem todo mundo sabe fazer rede... Só os antigos, mesmo. É contado a dedo quem sabe fazer rede. Dos meus filhos pra cá, eles não querem saber. Mas é uma tradição que não pode acabar, porque tem pescador aqui que não sabe nem fazer um aparelho pra ele pescar. Aí, pede pros outros fazer pra ele. Ou então, vai comprar o anzol lá na loja, mas também não sabe nem comprar um anzol, porque não sabe escolher. A nossa geração antiga mais antiga sabia fazer tudo. [...] Hoje em dia, está tudo diferente.” (Entrevista com o S. Dok; In: FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 66)

Claramente, os relatos aqui apresentados indicam que tais mudanças correspondem a alterações na relação medial dos homens com seu meio. Portanto, considerando os referenciais teóricos que antes apresentamos, seria de esperar mudanças sensíveis na paisagem, como de fato ocorreu. No próximo capítulo, irei ilustrar tais mudanças.

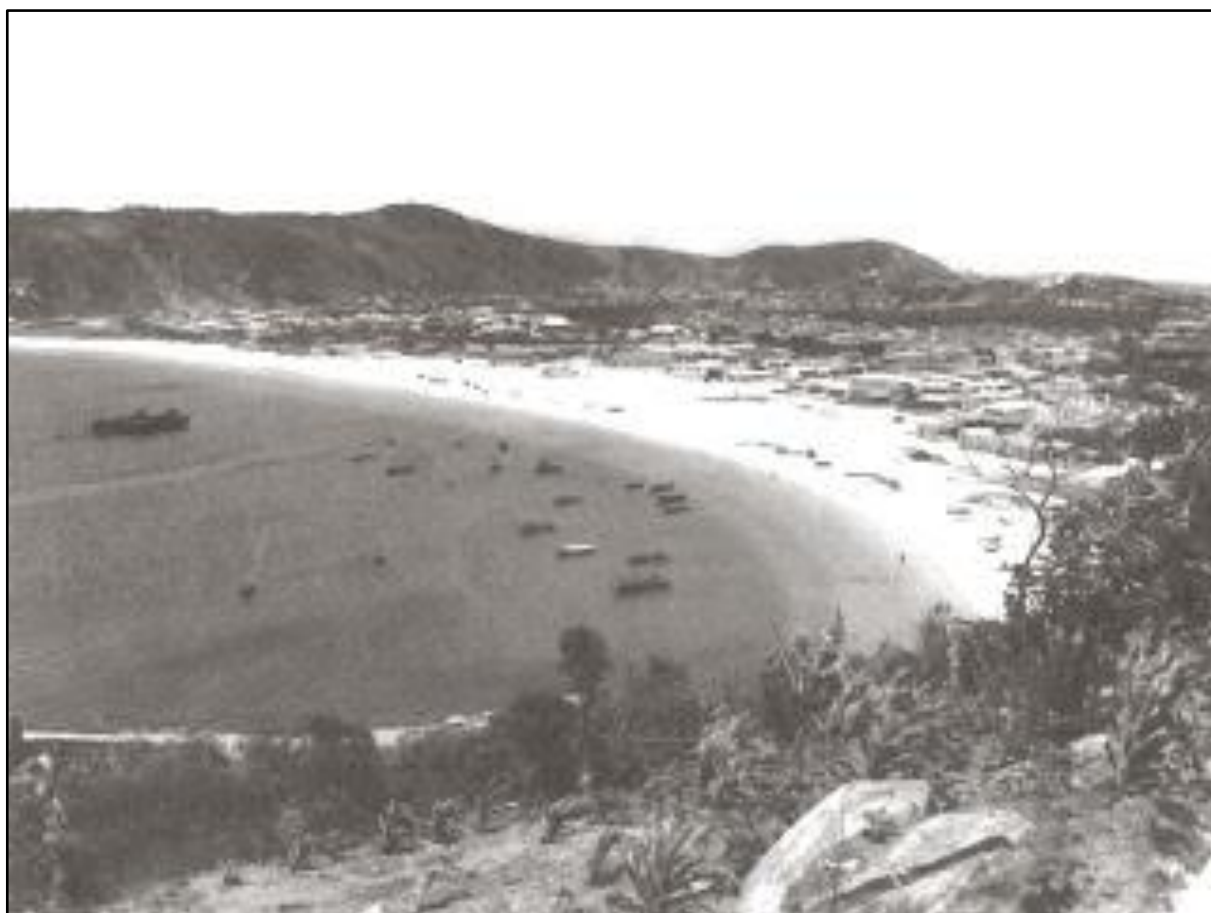
#### 4. AS MUDANÇAS NA PAISAGEM

O propósito da apresentação a seguir é permitir uma comparação entre algumas paisagens do município de Arraial do Cabo, visando exemplificar as mudanças relatadas até o momento no presente trabalho.

A Praia dos Anjos (*Figuras 5 e 6*, p. 40), mostra explicitamente o grande número de barcos turísticos em Arraial do Cabo: nas fotos antigas, os poucos barcos presentes são de pescadores artesanais, e as pequenas construções são suas moradias e trapiches (local de apoio às atividades de pesca onde eles guardam suas ferramentas ou “petrechos”). Atualmente, a paisagem está repleta de barcos motorizados, muitos deles vindos de outros municípios, e cuja finalidade é fazer passeios turísticos pelas praias da região; também o tipo de construções mudou completamente, tendo sido a praia tomada por hotéis, condomínios e casas de veraneio.

O Porto do Forno (*Figuras 7 e 8*, p. 41), localizado na extremidade norte da Praia dos Anjos, junto ao morro da Fortaleza, antigamente era utilizado apenas pelos pescadores artesanais. Entre 1965 e 1972 foi cedido à Companhia Nacional de Álcalis, que foi responsável por ele até 1972. Neste ano, passou a ser operado pelo Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, do Ministério dos Transportes. Em 1999 passou por uma reforma e passou a ser administrado pela Companhia Municipal de Administração Portuária (COMAP). Hoje, é utilizado para o escoamento do sal da região, e é base para navios que vão para a exploração do petróleo nas bacias de Campos e Santos. Em 2008, o porto ganhou concessão ambiental do Ibama para futuras explorações.

Na mesma medida em que a Praia dos Anjos nos mostra o aumento da quantidade de barcos turísticos e residências de veraneio em Arraial do Cabo, a Prainha (*Figuras 9, 10 e 11*, p. 42) mostra o abuso do turismo para com a orla marítima. Antigamente, não se observava praticamente nenhuma construção nos entornos da praia, porém, atualmente, toda a praia é ocupada por hotéis e condomínios. O topo da montanha, antes coberto de vegetação nativa, teve a mata suprimida e foi ocupado por construções de finalidades turísticas.



**Figura 5:** Praia dos Anjos, 1965. **Fonte:** dayannamelolima.blogspot.com.br.



**Figura 6:** Praia dos Anjos, 2015.

**Fonte:** <http://loucosporpraia.com.br/wp-content/uploads/2013/06/Praia-dos-Anjos-Arraial-do-Cabo-por-srta-bella.jpg>



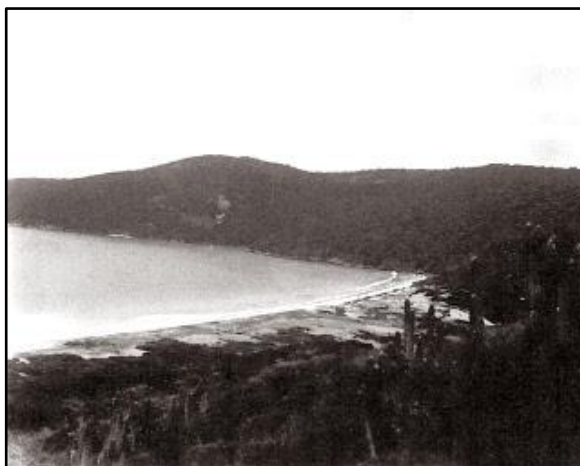


**Figura 7:** Porto do Forno, 1965. **Fonte:** dayannamelolima.blogspot.com.br.



**Figura 8:** Porto do Forno, 2015.

**Fonte:** <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/5a/15/40/5a15401300261f34744bbc1080fe497e.jpg>.



**Figura 9:** Prainha, 1945.

**Fonte:** [dayannamelolima.blogspot.com.br](http://dayannamelolima.blogspot.com.br)



**Figura 10:** Prainha, 1965.

**Fonte:** [dayannamelolima.blogspot.com.br](http://dayannamelolima.blogspot.com.br)

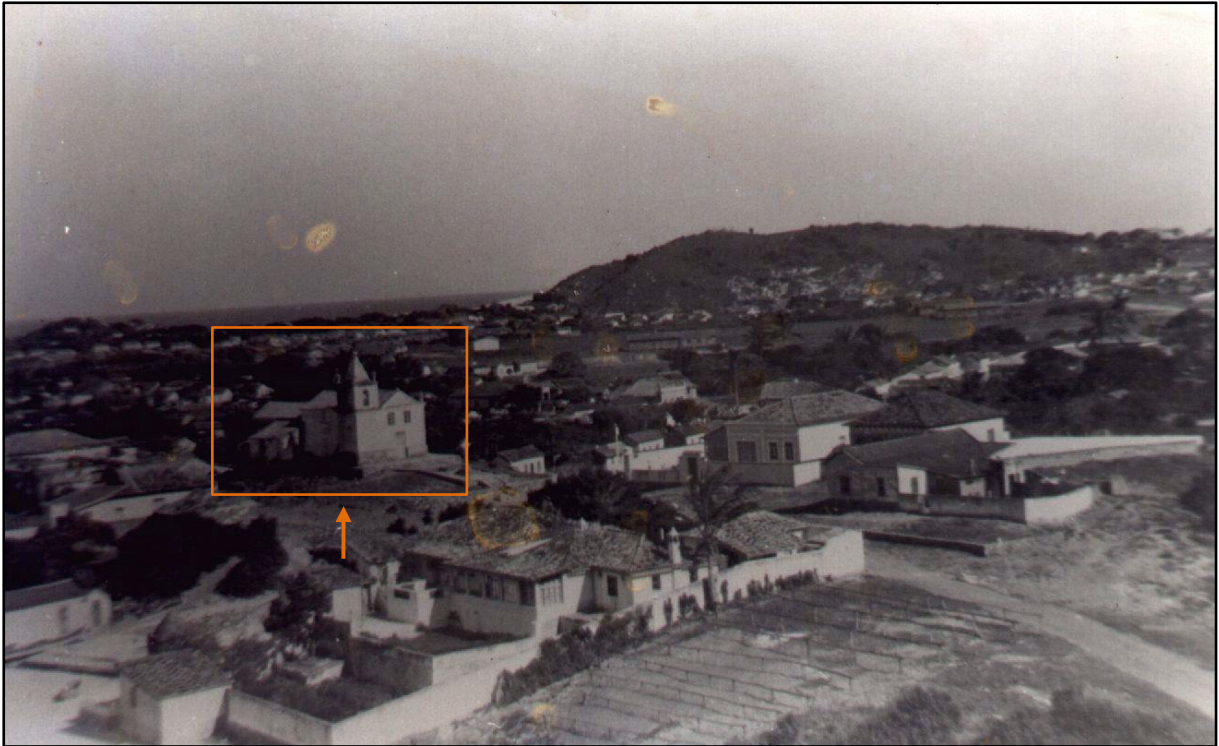


**Figura 11:** Prainha, 2014.

**Fonte:** [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d3/Prainha\\_Arraial\\_do\\_Cabo.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d3/Prainha_Arraial_do_Cabo.jpg).

Nas fotos que seguem abaixo (*Figuras 12 e 13*, p. 43; *Figuras 14 e 15*, p. 44), vemos dois recortes semelhantes da mesma área, em dois diferentes momentos. No primeiro par, temos vistas da cidade que incluem a Igreja Nossa Senhora dos Remédios (destacada pelo retângulo laranja) em 1965 e em 2015; no segundo par, na imagem de 1945 vemos o local onde seria futuramente construída a Companhia Nacional de Álcalis, e na imagem de 2015 vemos o mesmo local após a instalação da mesma.





**Figura 12:** Vista da Cidade com a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, 1965

**Fonte:** <http://static.panoramio.com/photos/original/2573921.jpg>.



**Figura 13:** Vista da Cidade com a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, 2015.

**Fonte:** [3.bp.blogspot.com/-tE3UaSwM4KQ/Vb0keFnZgsI/AAAAAAAAHeE/d18KPRreBIU/s1600/IMG\\_4031.jpg](http://3.bp.blogspot.com/-tE3UaSwM4KQ/Vb0keFnZgsI/AAAAAAAAHeE/d18KPRreBIU/s1600/IMG_4031.jpg).

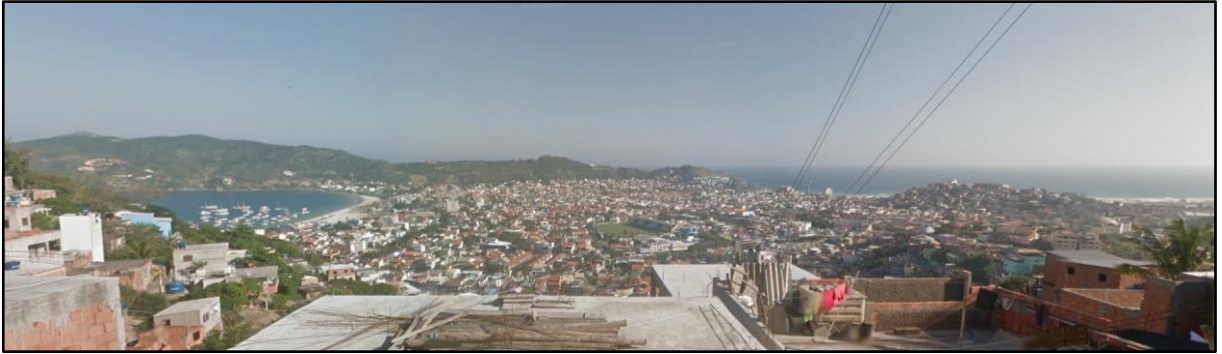


**Figura 14:** Vista do local onde futuramente seria instalada a Companhia Nacional de Álcalis, 1945.  
**Fonte:** dayannamelolima.blogspot.com.br.



**Figura 15:** Vista da Companhia Nacional de Álcalis, 2015.  
**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=uNS5i6M2HHc>.





**Figura 16:** Vista da Cidade, 2015, a partir da Rua Tomé de Souza. **Fonte:** GoogleMaps.

Na *Figura 16* (acima), que nos traz um recorte da vista da cidade tomado a partir do GoogleMaps, observamos também o processo de favelização que ocorreu em alguns morros do município. Quando observamos as fotos expostas, fica evidente o quanto a paisagem do município não apenas passou por transformações, mas foi deformada em nome de um desenvolvimento econômico buscado a partir da construção de indústrias e do estímulo ao turismo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-me justo dizer que a paisagem de Arraial do Cabo, atualmente, possui duas facetas advindas dos processos pelos quais passou no período estudado, e que formam fisionomias diferentes do município: uma delas, a de cidade turística atrativa, às vezes chamada de “Caribe brasileiro” por agências de turismo e visitantes do lugar devido as águas claras do mar de suas praias (*Figura 17*); a outra, a de um lugar deformado pelo processo de industrialização e exploração turística, que já chegou a ser chamado, num vídeo que circula no YouTube, de “Chernobyl brasileira”, como modo de denunciar a situação de devastação deixada pelos projetos que ali foram implantados (*Figura 18*).



**Figura 17:** Vista de Arraial do Cabo, retirada de vídeo de divulgação turística.

**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=MyBmdJ6oG-8>.



**Figura 18:** Vista aérea da cidade de Arraial do Cabo, retirada de vídeo de sobrevoo.

**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=uNS5i6M2HHc>.

E, de fato, as alterações aceleradas ocorridas no município podem ter trazido mais malefícios do que benefícios à vida de seus moradores. As construções das casas se alteraram na medida em que os trabalhadores passaram a ser empregados assalariados, e não mais as faziam com suas próprias mãos e com os materiais disponíveis naturalmente, não apenas pela falta de tempo, mas, também pela nova perspectivas que vinha se construindo de moradia moderna, com acesso à água encanada e energia elétrica.

O cotidiano dos moradores, estes cada vez mais diversos em suas origens, foi se alterando até o ponto de não restarem mais quase vestígios da vida do passado. O trabalho, antes advindo de uma profunda ligação com o mar e as particularidades da região, hoje se tornou afastado de qualquer relação que tivesse com os saberes tradicionais peculiares da antiga comunidade pesqueira.

A própria tradição que remetia às origens do arraial dos pescadores foi praticamente apagada, uma vez que os ideias de modernidade impostos pela industrialização foram repercutidos pouco a pouco naquela sociedade e assimilados, com facilidade, principalmente, pelos jovens, que deixaram de ter interesse no trabalho artesanal dos pais, e passaram a desejar o estilo de vida propagandeado pelos diversos interessados na exploração econômica do local.

É possível notar que os moradores mais antigos, detentores dos saberes tradicionais oriundos de suas largas experiências como pescadores, apesar de sentirem certa nostalgia pelo modo de vida anterior a instalação da Álcalis, veem como uma oportunidade aproveitada por seus filhos o trabalho nas indústrias da região. Nota-se uma contradição entre o dissabor que os mais velhos sentem em relação ao desinteresse dos mais novos pelas práticas dos mais velhos e a “felicidade” que eles sentem por ver seus filhos empregados em indústrias da região. Como notamos em uma das falas de Ronaldo Miranda Filho, os próprios jovens veem com bons olhos os empregos gerados pela Álcalis: “Eu sou uma geração pós-Álcalis. Meu pai me deu educação graças ao trabalho dele na Álcalis. [...] [Quando a Álcalis foi privatizada] a esperança de todo cabista de ser funcionário da Álcalis foi diminuindo até a empresa ser extinta” (FERREIRA & FIALHO, 2013, p. 17)

Acredito que, possivelmente, essa “felicidade” seja um reflexo da desvalorização social que o trabalho de pesca artesanal teve com a chegada da modernização, de forma que os

próprios pescadores passaram a ver seu modo de prover o sustento de suas famílias como arcaicos e pouco eficientes em satisfazer os anseios agora presentes em seus familiares.

Pelo exposto, pode-se afirmar que a paisagem no município foi alterada em ao menos duas perspectivas: a turistificação e a industrialização/urbanização aceleradas. A primeira ficou evidente na praia dos Anjos, onde existe mais concentração de barcos turísticos. Na prainha está a maior presença de resorts, hotéis e casas de veraneio. Já no caso da industrialização, pode-se apontar uma vasta área devastada pela indústria na Vila Industrial. Nota-se a dimensão da devastação por meio da supressão da vegetação nativa que, entre outras consequências, alterou o estilo de vida da população.

Este trabalho, evidentemente, não esgota – nem teve este propósito – tudo o que seria importante conhecer a respeito dos impactos que a urbanização acelerada de Arraial do Cabo no modo de viver de sua gente. Um trabalho mais detido, in loco, precisa (e deve) ser realizado. Algumas iniciativas locais, como o Museu Escola Naval Mestre “Chonca” (<http://museuescolamestrechonca.com.br/>) inaugurado no final de 2016 parece abrir espaço para a reconstrução, pelos moradores, da memória de um tempo que, como diz o S. Dok, cheio de emoção: *Parece que era o princípio do mundo ainda! Mas era gostoso! Era bom pra chuchu!*



## REFERÊNCIAS

AB’SÁBER, Aziz N. **Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ARAUJO, Dantom Moreira de. **Última estada em Arraial do Cabo**. Revista do Instituto de Ciências Sociais. Universidade do Brasil. Rio de Janeiro, vol.1, número 1, 1965.

ASSUNTO, Rosário. **Paisagem – Ambiente – Território**. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Filosofia da paisagem. Uma antologia*. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011 (pp. 125-129).

BARRETO, Paulo Sérgio. **Relatório sobre o Patrimônio Imaterial e a Chancela da Paisagem Cultural no território da pesca tradicional da Praia do Pontal, na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo – RJ**. Arraial do Cabo: INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE – ICMBio, 2015 (circulação restrita).

BARRETO, Paulo Sérgio; Farias, Rafaela; LASMAR, Viviane. **Relatos das ações institucionais articuladas entre o ICMBio e demais parceiros para a salvaguarda do patrimônio cultural e natural em Arraial do Cabo - RJ**. In: RIBEIRO, S.M.P. e ARAÚJO, A.F. *Paisagem, Imaginário e Narratividade: olhares transdisciplinares e novas interrogações da psicologia social*. São Paulo: Zagodoni, 2015 (pp. 218-225).

BERQUE, Augustin. Geogramas. **Por uma ontologia dos fatos geográficos**. In: *Geograficidade*. V.1, n.1, Verão 2012; pp. 4-12 (Artigo originalmente publicado na revista *L’Espace Geographique*, 1999, n. 4, com o título “Géogrammes, pour une ontologie des faits géographiques”. Traduzido por Nécio Turra Neto, com revisão de Elizabeth Mello e Werther Holzer).

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330025&search=|infor%1ficos:-informa%27%25es-completas>

COE, Heloísa Helena Gomes & CARVALHO, Cacilda Nascimento de. **Cabo Frio - um enclave semiárido no litoral úmido do estado do Rio de Janeiro: respostas do clima atual e da vegetação pretérita**. *GEOUSP – espaço e tempo*, São Paulo, N°33, pp. 136- 151, 2013

FERREIRA, Maria Aparecida Gomes & FIALHO, Ronaldo Miranda. **Nas redes de saberes e histórias.** Rio de Janeiro: UMA, 2013.

FONSECA-KRUEL, Viviane Stern da; PEIXOTO, Ariane Luna. **Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil.** *Acta Bot. Bras.*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 177-190, Mar. 2004.

MESQUITA, João Lara. **Embarcações típicas da costa brasileira.** São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

PEREIRA, Walter Luiz C. de Mattos. **Cabo das tormentas e vagas da modernidade: uma história da Companhia Nacional de Álcalis e de seus trabalhadores. Cabo Frio (1943-1964) Arraial do Cabo.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (Orientador: Marcelo Badaró de Mattos). Niterói, 2009.

PEREIRA, Walter Luiz C. de Mattos. **Vagas da modernidade: a Companhia Nacional de Álcalis em Arraial do Cabo (1943-1964).** In: *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 23, nº 46, p. 321-343, julho-dezembro de 2010.

RIBEIRO, S.M.P.; BARTALINI, V. **Notas para uma conceituação da paisagem.** São Paulo: mimeo inédito; 2015. (Obs.: o texto compõe o livro *Terra, Anomia e Violência: olhares sobre a atual sociedade capitalista brasileira*, organizado por Eda Tassara, que está sob avaliação em editora universitária com vistas a sua publicação em 2017).

SARRACENI, Paulo & CARNEIRO, Mário. **Arraial do Cabo.** Vídeo documentário (17m), Brasil: 1959 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ST4g3mCL-i0>

TASSARA, Eda (coord.); TASSARA, Helena (texto) & BURG, Ricardo (fotos). **Dicionário Socioambiental: idéias, definições e conceitos.** São Paulo: FAARTE Ed., 2008

VASCONCELOS, Marina São Paulo. **Mudanças sócio-políticas em Arraial do Cabo.** In: *Revista do Instituto de Ciências Sociais.* Universidade do Brasil. Rio de Janeiro, vol. 1, número 2, 1962.